

Ecovilas, mal-estar e o sujeito na contemporaneidade

Ecovillages, malaise, and the subject in contemporary times

Murilo Henrique Silva¹
Maria Lúcia Fank Pelenz²

Resumo: Este trabalho se propôs a investigar a tentativa de mitigação do mal-estar civilizatório, através do modelo de comunidade das ecovilas, sob o viés psicanalítico. Para cumprir com esse objetivo, em um primeiro momento, remontamos a partir de Freud, a história do movimento civilizatório através do *mito* da horda primeva, para entendermos a necessidade de fundação da vida em sociedade. Nesta alegoria, destacamos o assassinato do líder poderoso (o pai da horda), que impunha a sua lei pela força, sendo enfim executado pelos seus filhos oprimidos. O sentimento de culpa então gerado por este crime, propiciou a internalização a lei, a proibição do incesto e do assassinato, e a consequente repressão dos desejos, que vetorizou a tecitura social, a partir dos alianças entre hordas. Entretanto, a criação da vida em sociedade, para barrar a lei do mais forte, não tornou os humanos mais felizes, uma vez que gerou um mal-estar, fruto das imposições impostas pela sociedade, e também do direcionamento da agressividade contra o próprio Eu. Acompanhados, portanto, de autores atuais que propõem alternativas para tentar lidar com o sofrimento cultural, analisamos o Ideário Ecológico, que preconiza um estilo de vida com menos consumo, mais contato com a natureza, sem lideranças opressivas, e com uma busca de retomar uma dinâmica social menos individualista. A materialização deste ideário presentifica-se nas Ecovilas, que são comunidades urbanas ou rurais, onde as pessoas buscam viver seguindo os princípios mencionados, almejando superar o sofrimento decorrente da dinâmica coletiva contemporânea. Diante disso, problematizamos através da teoria psicanalítica, se esta tentativa de evitar o sofrimento implica em uma possibilidade contundente de lidar com o mal-estar, ou se apenas o reconfigura, dado que a sua extinção é da ordem do impossível, por ser inerente à dinâmica intersubjetiva.

499

Palavras-chave: Desamparo; Mal-estar; Sociedade; Ideário Ecológico; Ecovila.

¹ Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília - UnB. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Pitágoras/Unopar. Graduado em Psicologia pela Universidade Pitágoras de Uberlândia. Psicólogo Clínico de Abordagem Psicanalítica, professor de Psicologia pela Sobresp Cristalina. E-mail: murilo-psico@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (2021). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (2017). Psicanalista. Professora e coordenadora do curso de Psicologia da Sobresp Cristalina. E-mail: marialuciapelenz@gmail.com

Recebido em 22/07/2023

Aprovado em: 07/08/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Abstract: This work aims to investigate the attempt to mitigate the discontent of civilization through the ecovillage community model, from a psychoanalytic perspective. To achieve this objective, we first traced the history of the civilizational movement through Freud's *myth* of the primeval horde, in order to understand the need to establish life in society. In this allegory, we highlight the murder of the powerful leader (the father of the horde), who imposed his law by force, and was ultimately executed by his oppressed sons and daughters. The feeling of guilt generated by this crime led to the internalization of the law, the prohibition of incest and murder, and the consequent repression of desires, which vectorized the social fabric, based on the alliances between hordes. However, the creation of life in society, to block the law of the strongest, has not made humans happier, since it generates discontent, the result of impositions imposed by society, and also of the direction of aggression against the Ego. Therefore, accompanied by current authors who propose alternatives to try to deal with cultural suffering, we analyze the Ecological Ideary, which advocates a lifestyle with less consumption, more contact with nature, without oppressive leadership, and with a search to resume a less individualistic social dynamic. The materialization of this ideary is present in Ecovillages, which are urban or rural communities, where people seek to live in this way, aiming to overcome the suffering resulting from contemporary collective dynamics. In view of this, we problematize, through psychoanalytic theory, whether this attempt to avoid suffering implies a compelling possibility of managing discontent, or whether it merely reconfigures it, given that its extinction is of the order of the impossible, as it is inherent to intersubjective dynamics.

Keywords: Helplessness; Discontent; Society; Ecological Ideary; Ecovillage.

INTRODUÇÃO

O sofrimento na contemporaneidade têm sido objeto de investigação de vários campos do saber, entre os quais destacamos a psicanálise. Neste estudo nos propomos a identificar algumas das principais queixas do sujeito contemporâneo, em sua contextualização urbana, associando-a ao mal-estar na civilização, buscando algumas reflexões que o edifício psicanalítico pode nos proporcionar diante do tema.

Entretanto, para iniciarmos nosso apanhado sobre as questões críticas referentes à atualidade, e ao sujeito civilizado e urbanizado, devemos, à princípio, apontar o predomínio histórico do contexto capitalista. Este foi o promulgador de uma dinâmica que trouxe grandes transformações no laço social, que tensionou as relações humanas em direção à uma lógica produtivista, competitiva e individualista, e que foi desencadeadora ademais do processo de êxodo rural no passado moderno. (MENEZES, 2012a).

Guattari, expõe as seguintes palavras diante desse cenário:

Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra

frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. (GUATTARI, 2001, p. 7)

O laço capitalista tem trago ademais como consequência, uma série de patologias, principalmente relacionadas ao trabalho conforme mostram Cardoso (2001), Marinho (2019), Vieira (2014). Nesse sentido, os autores ao partirem de uma análise déjourniana, mostram que o mundo do trabalho, por ser cada vez mais exigente, desencadeia essa série de novos adoecimentos decorrentes da exploração executada. Fisher (2020) e Han (2014), concordam com a colocação, apontando para uma explosão de diagnósticos de transtornos ansiógenos, depressivos e de humor. Paradoxalmente, entretanto, esta produção patológica causa prejuízos ao próprio capital, uma vez que as empresas têm de lidar com as perdas de produtividade em decorrência do adoecimento de seus colaboradores. Entretanto, este fator ainda não foi motriz de uma mudança dinâmica na cadeia produtiva.

Além destas questões, a produção de um exército de excluídos, que são despossuídos dos meios de produção, contribui para um quadro de vulnerabilidade social, que produz uma atmosfera de reificação da existência humana, e que está atrelada a processos de violência, tanto na esfera macro (social), quanto na micro (familiar), como nos mostra Neves (2008).

Os efeitos devastadores portanto, do estilo de vida baseado no consumismo, expandem-se também para além da materialidade relacional, abrangendo a materialidade da própria natureza, através da progressiva devastação de florestas, poluição de rios e redução da fauna e flora; fatores que diminuem a qualidade de vida em diversos sentidos, como apontado por FARIAS (2020).

Todas essas questões atuam como gênese do sofrimento do sujeito contemporâneo e do mal-estar, que conforme explana MENEZES (2008), é configurado às mudanças sociais de cada época. Diante desse cenário, surgem movimentos que buscam alternativas para a angústia, e as situações de desamparo na atualidade; dentro dos quais destacamos o Ideário Ecológico. Este, localiza como fonte do sofrimento humano, o afastamento da natureza, a vida urbana, a lógica de consumo e de produtividade ininterrupta, CARVALHO (2012).

Partindo, portanto, desta premissa, este ideário se opõe ao este estilo de vida capitalista contemporâneo, almejando resolver os impasses oriundos da modernidade, retomando práticas e vivências que promovam um retorno do contato com o natureza, aspirando assim sensações de bem-estar e de felicidade. Em uma tentativa de corporificar este modelo de vida, as Ecovilas surgem como uma forma de organização social, tanto urbana, quanto rural, que propõe uma vivência em comunidade onde cotidianamente adotam

hábitos que degradem menos o planeta e promovam um convívio mais harmônico com o “cosmos”. Algumas destas comunidades destacam-se, estimulando hábitos voltados à espiritualidade holística, ou à permacultura, além uma dinâmica social que prioriza a coletividade em detrimento da individualidade, BRITTO (2018).

Entende-se assim que este movimento cultural caracteriza-se como uma tentativa de resolver o impasse constitutivo do sujeito contemporâneo. Todavia, nos questionamos se isto é realmente possível de ser realizado, ou se o sofrimento apenas é reconfigurado, ou mitigado? Para tentar responder a essa pergunta, utilizamos como caminho de investigação, o método psicanalítico, que consiste em analisar os fenômenos inconscientes presentes na cultura (FREUD, 1923b/1980, 1927/2014). Articulamos desta feita, os conceitos de desamparo, mal-estar, e identificação na formação das massas; para tentar elucidar esta interrogativa.

Além disso, empregamos como material empírico, a análise do documentário: “Ecovilas Brasil - Caminhando para a Sustentabilidade do Ser”, disponível pela plataforma youtube, e dirigido por Rafael Togashi e Ilana Majerowicz. Para examinar não apenas o conteúdo ali apresentado, bem como também, alguns comentários de internautas sobre o mesmo, articulando com a teoria psicanalítica debatida.

Salientamos que o conteúdo observado tanto no vídeo, quanto nos comentários postados, constituem-se como publicações de domínio público. Entretanto, para preservar as identidades, e evitar possíveis constrangimentos, não citamos nomes, nem nicknames ou e-mails. Tampouco houveram citações diretas, das falas ou comentários.

Justificamos finalmente, a necessidade de estudos como este, através das palavras de ROSA (2018), que nos ensina que as contribuições que a psicanálise pode trazer em suas investigações sobre o campo social e político, visam o esclarecimento de *uma parcela* de seus aspectos, incidindo sobre o que escapa a outros campos do saber, exatamente por trazer a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais.

ECOVILAS: RESPOSTA AO MAL-ESTAR E AO DESAMPARO?

1.1 - No princípio era o desamparo...

Levando em consideração a obra freudiana, MENEZES (2008) deu destaque à questão do desamparo como fundante e estruturante do psiquismo, assim como também sendo a mola propulsora para a vida em sociedade. Se tomarmos o termo em alemão *Hilflosigkeit*, que poderia ser designado como falta de ajuda, ou como ausência de auxílio,

precisaremos partir da constatação de que esta é a condição que faz com que todo o edifício da personalidade seja construído. Ou seja, é a condição imatura com que o bebê nasce, que abre o psiquismo para o contato com o outro.

Tomando, ainda, as reflexões de MENEZES (2008), podemos afirmar que além de fundar o psiquismo, o desamparo é também estruturante, pois é a partir das relações ambivalentes que o sujeito estabelece com suas figuras parentais, que as estruturas do psiquismo vão se formando. A autora também relembra que é principalmente a angústia da castração, e o medo da perda do amor da mãe, que fazem com que a criança abra mão do amor incestuoso e introjete a lei. Esta Lei, que é a lei paterna, representa dentro da formação psíquica a introjeção dos costumes, da moral social do tempo e do lugar em que a criança é criada.

Porém conforme Freud afirma em 1921 no seu “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, é impossível fazer uma cisão entre psicologia individual e psicologia coletiva, pois uma está indissociavelmente ligada à outra. Desta forma, o Complexo de Édipo não é exclusividade apenas das histórias singulares, como esteve presente ademais na origem civilizatória, (FREUD 1921/2011)

Retomando então seu texto “Totem e Tabu” de 1913, veremos que ali Freud propõe por meio do mito da horda primeva, uma alegoria onde a posse das mulheres e a opressão sobre os filhos homens, provocou o crime do parricídio. A culpa advinda deste crime entretanto, por parte da prole, atuou conjuntamente com o medo de que alguns destes pudessem reassumir o lugar do pai. Isso desencadeou a interdição do incesto e a proibição do assassinato, fundando assim a irmandade entre os iguais, que originou a vida social. FREUD (1913/2012) descreve assim, que o pai morto tornou-se mais forte do que o pai vivo, pois as restrições por ele impostas, passaram a ser introjetadas pelos filhos.

Isto significa que todo sujeito, do ponto de vista freudiano, é um sujeito social, temporal e histórico. Tendo como marcas psíquicas inconscientes não somente heranças de sua própria história infantil, mas também todo um conjunto simbólico que lhe é coletivo e remonta a história da ancestralidade cultural. Assim, tanto a busca da felicidade, como os padecimentos que acometem os sujeitos estão ligados à sua realidade coletiva, (FREUD 1913/2012, 1930/2010; MENEZES 2008)

Mas por que a vida em grupo? Por que o indivíduo na horda primeva aceitou ser submetido à lei de um pai carrasco e opressor, e por quê, posteriormente aceitou o elo com seus irmãos submetendo-se a leis que barravam seu desejo?

É então no “mal-estar na civilização” em 1930, que Freud nos responde, explicando

que há três fontes de sofrimento que assolam a humanidade: as forças da natureza, o próprio corpo que padece e a vida em sociedade. Portanto, tentando-se proteger contra as forças arrasadoras de seu ambiente natural e das fragilidades e debilidades do próprio corpo, o indivíduo abriu-se para o outro, criando a vida coletiva como uma tentativa de dar conta do seu desamparo, que lhe é fundante e estruturante, (MENEZES 2008).

Logo, a visão psicanalítica não é romântica com relação a essa pergunta em torno da problemática da vida coletiva. Conforme já visto, a sociedade causa o que Freud chamou de mal-estar para o indivíduo, sendo inclusive a principal fonte de sofrimento humano. Em suma, os sujeitos fundaram a civilização para manejar seu desamparo constituinte, mas o que esta solução lhes causou foi uma *nova situação de desamparo*, (MENEZES 2008).

Isto ocorre como consequência do fato de que a sociedade exige dos indivíduos que a compõem, o cumprimento de leis. Estas leis, apesar de manterem o funcionamento coletivo coeso de certa forma, são penosas, pois requerem a repressão de desejos. Psicicamente, então vias secundárias são encontradas para dar satisfação à libido (energia psíquica) represada, como por exemplo, no uso de substâncias alucinógenas, o isolamento social e o enamoramento. Outra alternativa também é trilhada através do processo de sublimação, que é o destino mais elevado da pulsão. De forma especial, a sublimação permite que a libido seja canalizada através da criação artística e do trabalho, adquirindo destas fontes, uma possibilidade de prazer, (FREUD 1915a/2010, 1930/2010).

No entanto, o quantum energético que é sublimado/d Descarregado por vias secundárias, não é suficiente para dar conta de toda a demanda pulsional necessária ao psiquismo, pois nenhuma via secundária satisfaz tanto quanto a primária. Desta forma, o resto pulsional represado verte-se em um mal-estar que é compartilhado pelos sujeitos na cultura, (FREUD 1930/2010).

Além do decantado energético não canalizado, há uma parte da natureza indomável que torna a vida em civilização bastante difícil. Esta parte da constituição humana, na verdade, trata-se de uma outra pulsão chamada por Freud de pulsão de morte, (FREUD 1920/2010). Esta pulsão não possui representação psíquica no indivíduo, atuando de forma silenciosa, o que significa que sua observação somente é possível através das expressões de agressividade e da vontade de domínio, MENEZES (2010).

Assim, o sujeito civilizado é cindido, sendo constituído por duas vertentes que coabitam, operando sem se anular, e que se entrelaçam em proporções diferentes, orientando-se ademais por princípios diferentes. A pulsão de vida (*Eros*) visa o Princípio do Prazer, que se constitui com a fuga do sofrimento e a busca da satisfação; já a pulsão de morte (*Tannatus*)

busca o retorno ao estado inanimado e imaterial, conduzida pelo Princípio de Nirvana, (FREUD 1920/2010, 1930/2010; MENEZES 2008).

Na dinâmica coletiva esse conflito pulsional também atua. Logo, a pulsão de vida liga os indivíduos através dos laços de amizade e camaradagem, possibilitando agrupamentos cada vez maiores, por meio do mecanismo de identificação. Desta feita, laços são tecidos, através do compartilhamento de ideais, líderes e do amor, (FREUD 1921/2011, 1930/2010). Já a pulsão de morte, trabalha através da agressividade, da pulsão de domínio e da vontade de poder; tentando desagrupar o que está unido. Nesta eterna luta, ora uma ora outra prevalece. É preciso destacar, no entanto, que nenhuma ação é inteiramente pura, visto que há sempre uma mescla pulsional em toda forma de manifestação, (FREUD 1930/2010).

A psicanálise, por conseguinte através destes avanços, põe em xeque a ilusão de que é possível construir um mundo ideal, sem sofrimentos, pois a condição humana não concebe tal constituição. Em outras palavras, a clivagem é inerente ao sujeito civilizado!

Após estas articulações teóricas podemos dar por respondida uma parte de nossos questionamentos, pois o mal-estar não pode ser extinguido, e tampouco o desamparo solucionado. Entendemos assim, baseados em FREUD (1930/2010), e em MENEZES (2008), que existem apenas caminhos de mitigação para o primeiro, e possibilidades de gerenciamento para o segundo. Entretanto, resta-nos investigar se as Ecovilas podem ser uma via profícua nesse sentido, permitindo um reposicionamento contra o sofrimento contemporâneo, a violência social, e a instrumentalização dos sujeitos. Em suma, almejamos tentar compreender se esse modelo de comunidade baseada no ideário ecológico, pode corresponder ao que FREUD (1930/2010) chamou de uma “via negativa” da busca da felicidade. Ou seja, uma aposta de caminho para redução do sofrimento, do sujeito na cultura.

1.2 - Ideário Ecológico, Ecovilas e Mal-Estar

Apesar de ambos serem herdeiros da tradição moderna e do romantismo, o ideário ecológico e a psicanálise, partem de leituras muito distintas para compreender o sujeito e o seu sofrimento atual. Nesse sentido, CARVALHO (2010, 2012, 2013) mostra que diferentemente da psicanálise, o ideário ecológico acredita que o sofrimento sentido pelos sujeitos, deve-se não à uma condição constitutiva humana, mas sim pelo estabelecimento de uma dinâmica social adoecedora, que rompeu com o original modo de vida naturalista.

Partindo desta interpretação, ele propõe como solução para esta problemática um caminho de retorno (fazer o caminho de volta). Ou seja, reatar o contato com a natureza e

desenvolver uma “relação harmônica com o *cosmos*”. Nesse sentido, questiona a hegemonia da razão objetivadora cartesiana, valorizando, uma visão holística através do ecologismo. Dentro de sua lógica discursiva, diferentemente da psicanálise, este ideário jamais atribui à natureza qualquer causa para o sofrimento dos sujeitos.

Esmiuçando mais sobre estas articulações propostas, Carvalho nos diz que:

Com isso a questão ambiental torna plausível não apenas um discurso político sobre novos pactos planetários e modos de regulação das relações sociedade e natureza, mas também inaugura um estilo de vida. Um habitus ecológico no sentido de Bourdieu (1989). No plano individual isto leva a incorporação de hábitos e atitudes em várias esferas da vida: alimentação (produção agroecológica, orgânica, antroposófica, bem como movimentos por outra alimentação (feiras ecológicas, Slow Food); habitação (ecovilas, ecodesing, permacultura); vestuário (valorização de estilos étnicos, roupas artesanais, tecidos naturais); Saúde (medicinas alternativas, orientais, modos de vida saudáveis identificados a uma vida simples e o contato com a natureza como restaurador); produção (cooperativas, venda direta, economia solidária); espiritualidade (práticas espirituais que associam o sagrado à natureza e valorizam tradições pré-modernas — como a tradição céltica, o chamanismo indígena entre outras — na experiência do sagrado (CARVALHO, 2010, p. 9).

Em resumo, para o Ideário Ecológico o mal-estar é passível de solução, e os que acreditam no mesmo, colocam em prática esta ideologia buscando seu resultado final. Curiosamente, BIRMAN (2005) retomou a obra freudiana para mostrar que inicialmente Freud assumiu uma posição parecida com esta, ao publicar em 1908, “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos”. Neste texto supôs que a psicanálise poderia através das contribuições de seus avanços sobre a compreensão da natureza da pulsão e da economia libidinal subjetiva, almejar uma possível relação harmônica entre a pulsão e as exigências civilizatórias. Entretanto, Freud ainda não havia teorizado a pulsão de morte, e o “mais além do princípio do prazer”, que o fizeram rever suas aspirações.

De qualquer maneira, estando equivocado ou não em sua leitura do sofrimento humano, o Ideário Ecológico influencia na criação de comunidades alternativas que tentam aplicar seus preceitos, sendo estas nomeadas: ecovilas. Para definir, o que seria uma ecovila BRITTO (2018) explana que são comunidades intencionais, cujos princípios são a sustentabilidade, o equilíbrio com o meio ambiente, a redução de consumo, a auto-suficiência, a auto-organização, o compartilhamento de bens e de infraestrutura, a difusão de ensinamentos, e a valorização da vida em coletividade (tanto em comunidades rurais quanto urbanas) em detrimento da individualidade.

Portanto, a proposta teórica que sustenta o projeto de uma ecovila, está ligada à ideologia de uma melhor qualidade de vida em questões habitacionais, e de uma mudança prática de hábitos. As apostas de projetos como esses partem, por conseguinte, da crença de que um modelo sustentável traga como consequência, a redução dos impactos causados no meio ambiente, bem como permita a superação do sofrimento humano.

Para sustentar argumentativamente esta crença, BRITTO (2018) relatou que as Ecovilas baseiam-se em questões práticas cotidianas que possibilitam a melhora do bem-estar e que promovem além disso, a saúde coletiva de suas comunidades, como: a manutenção da alimentação equilibrada, o contato com a natureza e o senso de pertencimento.

Estes fatores segundo esta lógica discursiva, trazem como efeitos: a melhora do sistema imunológico, aumento de energia e melhora na disposição, regulação do peso (prevenindo pressão alta, diabetes e uma série de outras doenças crônicas), melhora do sono, do humor, maior contato com a vitamina D (prevenindo doenças cardiovasculares), diminuição do estresse pela redução de cortisol, regulação dos níveis de serotonina (devido à inalação de ar fresco que reduz a pressão arterial), e mais tempo para dedicar-se às atividades de lazer, BRITTO (2018).

Percebemos, assim sendo, que os argumentos em prol da superação do mal-estar pautam-se na alteração do espaço físico, na melhora da alimentação, na regulação hormonal; e nas mudanças na dinâmica intergrupala. Entretanto, questionamos se estas alterações se configuram como suficientes para reduzir o sofrimento do sujeito, e mal-estar.

Tomamos portanto como material empírico, para analisar este debate o Documentário: “Ecovilas Brasil: Caminhando para a Sustentabilidade do Ser”, publicado em 2016, disponível no youtube e dirigido por Rafael Togashi e Ilana Majerowicz. Neste, foram apresentadas 10 ecovilas brasileiras, mostrando através de depoimentos de moradores, os desafios cotidianos, as dificuldades relacionais, bem como as belezas desta forma de organização social e de habitação.

Percebe-se portanto, diante dos depoimentos, não apenas o engajamento e a satisfação que este estilo de vida traz, mas ademais, os conflitos, desentendimentos e buscas de resolução e mediação dos mesmos, para o convívio coletivo. Deparamo-nos também com comentários de internautas, tanto exaltando a proposta e compartilhando o desejo de viver uma experiência assim algum dia, quanto relatos positivos de quem já vive esta realidade.

Contudo, destacamos outrossim o conteúdo de depoimentos expressos em comentários sobre o vídeo que nos chamaram atenção, por coincidirem com as discussões propostas nesta pesquisa. Nestes, pessoas que já vivenciaram esta experiência relatam a

presença de uma lógica mercadológica dentro do funcionamento de algumas ecovilas, devido à necessidade de se pagar por cursos ou retiros realizados em seus territórios. Ademais, muitas destas comunidades utilizam uma moeda própria à qual serve de intercâmbio monetário, o que nos indica uma contradição por manterem de certa forma, a lógica de mercado em sua dinâmica.

Questionamos assim, se não existem processos de desigualdade e exclusão dentro destas comunidades, por mais que ideologicamente, se posicionem contrariamente a isso? Será que isto não influencia em relações de poder ali dentro? Aqui indicamos a necessidade de novos estudos, talvez utilizando em sua metodologia entrevistas e a análise de discurso, ou a etnografia como forma de investigação sobre aquilo que aparece como lacuna na fala consciente.

A presença marcante de uma liderança forte em alguma destas comunidades também nos chamou a atenção, pois por mais que não ocupem um cargo formal, ou que se nomeiem como chefes, ou líderes, o seu lugar fica marcado na dinâmica intragrupal. Alguns destes, seja por serem donos das terras onde as ecovilas foram fundadas, ou por seu tempo de permanência, ou por alguma característica pessoal, acabam ocupando dentro do imaginário coletivo, um lugar simbólico de desenvolvimento espiritual, de pioneirismo, sabedoria e amor para com os integrantes da ecovila. Isso confere-lhes assim um lugar de fala diferente dos demais integrantes da comunidade, seja nas atividades cotidianas, ou na mediação de conflitos.

Outro achado importante, se fez através de um comentário de determinada internauta, que descreveu um processo de exclusão que seu filho pequeno sofreu em uma visita à uma ecovila, por estar usando uma camisa de um personagem da Disney. Nesta experiência, as demais crianças, que ali residiam na comunidade foram retiradas da brincadeira por suas mães, para que fosse evitado o contato com a criança “de fora”, influenciada pela lógica do consumo dos desenhos infantis.

Outros relatos também disponíveis na própria plataforma do youtube sobre o tema, descrevem as dificuldades de convivência em comunidade e demais impasses, que algumas vezes culminaram em sentimentos de frustração ou abandono, do projeto de residir neste tipo de comunidade.

Analisamos portanto, a respeito deste material, que: apesar desta proposta comunitária ser muito potente em diversos sentidos contra a lógica capitalista e os processos de violência e exclusão decorrentes do mesmo. As ecovilas ainda apresentam dificuldades de se desligarem da lógica do mercado, estando a ela atreladas em menor ou em maior grau, seja

entre os próprios membros, ou com os visitantes (cada ecovila possui a sua própria forma de organização e funcionamento).

Além do mais, interpretamos através dos relatos, que processos de exclusão e violência não foram erradicados, consistindo-se em um furo no discurso ideológico. Verificou-se assim, portanto, que a nova configuração social, apenas desloca a agressividade constitutiva humana, direcionando-a para o de fora, o estrangeiro, o estranho.

Freud (1921/2011), explica a este respeito, que a união entre os indivíduos que compartilham um ideal em comum, forma uma massa. Nesta, a ideia condutora atua como liderança, promovendo uma identificação mútua entre os sujeitos que substituem seus particulares Ideal de Eu, pelo líder. Os indivíduos ficam assim ligados libidinalmente, projetando o mal-estar e a agressividade contra outros grupos. Este movimento permite, ademais, o estreitamento dos laços libidinais entre os integrantes da massa, na medida em que se unem contra um inimigo em comum. Este processo foi nomeado então como Narcisismo das Pequenas Diferenças, sendo uma das manifestações da Pulsão de Morte no laço social, FREUD (1930/2010).

Portanto, os sujeitos que seguem o Ideário Ecológico e que abrem mão dos ideais capitalistas modernos, unem-se fisicamente através das ecovilas, formalizando a união da massa. O ideal condutor desta portanto, apesar de possibilitar vivências espirituais, ambientais, e relacionais que de fato proporcionam momentos de bem-estar, não são capazes de aniquilar o mal-estar e o desamparo intra-grupal e social.

Desta forma assim, as ecovilas assim como outros agrupamentos e apostas culturais, têm de lidar cotidianamente com as dificuldades impostas pela lei, a repressão de desejos (sejam eles do capital ou não), e com os efeitos da agressividade constituinte do psiquismo.

A partir destas conjecturas, a psicanálise segue portanto, ainda compreendendo que as limitações psíquicas humanas, carregam certo fator trágico como diria CARVALHO (2010; 2012; 2013), na medida em que ilusões de felicidade plena esfacelam-se no ar. Entretanto, dentro do que é possível, a pulsão de vida movimenta-se insistindo em sua busca de encontrar inúmeras e sucessivas formas, que nos possibilitem ser e estar no mundo, de um jeito que seja menos oneroso. Isto é claro, exige um constante ato criativo diante da vida, do mal-estar e do desamparo, mas ainda assim, é o ponto ético que nos orienta frente ao desejo.

Com isso não pretendemos descreditar nem o ideário ecológico, nem as ecovilas, antes possibilitar reflexões que possam conduzir à críticas que movimentem elucubrações sobre este movimento social; e quem sabe possibilite novos arranjos e propostas para a civilização, sem a aspiração ilusória de resolver a problemática humana. Conhecer as

limitações de cada ato humano, não significa desvalorizá-lo, ou minimizá-lo, antes constitui-se como um ato mais maduro diante da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com LAPLANCHE (1992) e MENEZES (2010), como a psicanálise não se resume a uma forma de tratamento psíquico, pois é também um método de estudos do inconsciente, pudemos aplicá-la nesta pesquisa para pensar acerca do sofrimento do sujeito contemporâneo e a tentativa de tentar manejá-lo através de um estilo de comunidade chamado de ecovila.

Assim, em um momento inicial do texto, apresentamos uma leitura do mito freudiano do Horda Primeva, para descrever o modelo primitivo de civilização que se estruturava em torno da figura central de um chefe. Nas sociedades antigas, os integrantes dessas comunidades, justamente por temerem o rigor da lei e da punição, respeitavam o lugar de importância desse líder/pai. Entretanto, esta dinâmica em algum momento tornou-se insuportável de maneira que levou aos crimes originários, que seriam proibidos pela lei social.

Com FREUD (1913/2012) avançamos um pouco mais e pudemos ver com isso, que o pai morto se tornou mais forte do que o pai vivo, pois a culpa por seu assassinato trouxe como consequência a introjeção da lei, que originou as exigências que a vida em sociedade imputa aos indivíduos. Estas leis, embora mantenham a ordem em um funcionamento coletivo, cobram um preço muitíssimo alto ao sujeito. Ele precisa, então, abdicar de seus desejos individuais em prol da manutenção desse ordenamento coletivo (FREUD, 1930/2010).

Após este retorno à origem civilizatória para entendermos as operações, que como gênese, fundam o sofrimento compartilhado na cultura; apresentamos também as configurações que o mal-estar e o desamparo possuem no atual contexto capitalista. Foi a partir deste ponto, que pudemos apreender por quê o Ideário Ecológico localiza nesta dinâmica atual, a origem do sofrimento do sujeito.

Sob esta perspectiva, demonstramos como seria neste ideário, a possível solução da problemática humana, através da oposição ao estilo urbano de vida e à lógica de produtividade incessante, conforme apontou CARVALHO (2012). As ecovilas, assim como exemplo de comunidade que visam cumprir o ideário ecológico, retomam em seu estilo comunitário habitacional, práticas que valorizam o contato com a natureza e com as sensações de bem-estar. Em termos psicanalíticos, podemos dizer que essas são tentativas,

ou melhor, se apresentam aos sujeitos como possibilidades de manejo e gerenciamento do sofrimento.

Identificamos haver entre esses dois modelos, o de sociedade segundo a releitura de Freud e o modelo sustentável de acordo com um ideário ecológico, algumas diferenças estruturais. No ideário ecológico, representado aqui no texto pela ecovila, o mal-estar pode ser extinguido, e é precisamente isso que seus adeptos objetivam. Enquanto isso, para a psicanálise, o mal-estar é compreendido como condição da vida em sociedade, em qualquer uma de suas modalidades.

Isso significa que, ao menos de acordo com a teoria psicanalítica, sempre haverá um preço cobrado pela vida coletiva. Ainda que as ecovilas, dentro do ideário ecológico, se coloquem como uma tentativa de mitigação do mal-estar, a completa extinção do mesmo (bem como a do desamparo e da angústia) não são uma possibilidade concreta para esses sujeitos. Retomando a problemática do mal-estar do sujeito civilizado, podemos dizer que esses modelos sustentáveis se colocam apenas como possibilidades de aposta, de redução do sofrimento.

Entretanto, não conseguimos responder se esta aposta comunitária é efetiva nessa missão de mitigação. Apenas demonstramos que existem novas configurações dentro da dinâmica intragrupal e intergrupala, que nos indicam que a propagação dos efeitos da agressividade e do estranhamento, persistem dando ao *pathos* novas faces. Em suma, nos contentamos em afirmar que cada sujeito na sua singularidade, é quem será capaz de discernir se este modelo de vida faz sentido em relação ao seu processo pessoal.

Indicamos, a partir disso, a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, dado que dentro dos limites propostos neste recorte investigativo, não esgotamos a riqueza e complexidade do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 123-144, Junho 1998.

BRASIL, Ecovilas. Caminhando para a sustentabilidade do ser. Youtube, 07 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5WdRf8jj4Ls>. Acesso em: 10 set. 2024.

BRITTO, Ana Luiza Rodrigues de. **Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo**/ Ana Luiza Rodrigues de Britto ; orientador: Fernando Espósito Galarce. – Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura

e Urbanismo, 2018.

CARDOSO, Marta Rezende. Christophe Déjours. **Ágora** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 89-94, Dec. 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Natureza e Cultura na Psicanálise e no Ideário Ecológico: Duas Perspectivas Sobre o Mal Estar na Cultura. Naveg@mérica. **Revista eletrônica de la Asociación Española de Americanistas**. n. 5. 2010

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Utopia e tragicidade: um diálogo entre a psicanálise e o ideário ecológico sobre o mal-estar na cultura contemporânea. In Matheus, Carlos Eduardo; Moraes, America Jacintha. (Org.). **Educação Ambiental: momentos de reflexão**. 1ed. São Carlos: Rima Editora, 2012, p. 154-162.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. In: Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Org.). **Práticas coletivas na escola**. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 115-124.

FARIAS, Ana Lizete. **O mal-estar da crise ambiental : uma contribuição da psicanálise à educação ambiental**. / Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Ana Lizete Farias. - Curitiba, 2020.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo, do que o fim do capitalismo?** Tradução de Rodrigo Gonçalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. Autonomia Literária. 2020

FREUD, Sigmund. (1913/2012) Totem e Tabu. (P. C. Souza, Trad.) In **Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. (1912-1914)** In S. Freud, Obras Completas, v. 11 (p.13-243). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1915a/2013). As pulsões e seus destinos. In S. **Freud. Obras incompletas de Sigmund Freud** (pp. 20-34). Autêntica 2013.

FREUD, Sigmund. (1915b/2010h). O inconsciente. In **S. Freud. Obras completas (vol. 12)**, pp. 74-112). Tradução e notas de Paulo César de Souza. Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. (1920/2010) Além do princípio do prazer (P. C. Souza, Trad.) In **História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)** In S. Freud, Obras Completas, v. 14 (p. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1921/2011) Psicologia das massas e análise do eu (P. C. Souza, Trad.) In **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)** In S. Freud, Obras Completas, v. 15 (p. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1923a) Psicanálise e teoria da libido. (P. C. Souza, Trad.) In **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)** In S. Freud, Obras Completas, v. 15 (p. 273-308). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Freud, Sigmund. (1923b/1980). **Dois verbetes de enciclopédia**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (vol. 18). Imago.

FREUD, Sigmund. (1924b) Resumo da psicanálise. (P. C. Souza, Trad.) In **O Eu e o ID, “Autobiografia” e Outros Textos. (1923-1925)** In S. Freud, Obras Completas, v. 16 (p.222-251). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Freud, Sigmund. (1927/2014). O futuro de uma ilusão. In **S. Freud. Obras completas (vol. 17, pp. 187-243)**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. (1930/2010) O mal-estar na civilização (P. C. Souza, Trad.) In **O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias a Psicanálise e outros textos (1930-1936)** In S. Freud, Obras Completas, v. 18 (p. 9-89). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1940 [1938]) Compêndio de psicanálise. (P. C. Souza, Trad.) In **Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e Outros Textos. (1937-1939)** In S. Freud, Obras Completas, v. 19 (p. 9-89). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11^a ed. Campinas: Papyrus, 2001.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Âyiné. 2014

HEINBERD, Richard. **Ecovillages and intentional communities**. In: CHRISTIAN, Diana. Finding Community: how to join an Ecovillage or Intentional Community. Canadá: New Society Publishers, 2007.

JACKSON, Ross. **And we are doing it!: building an ecovillage future**. San Francisco (United States of America): Robert D. Reed Publishers, 2000.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARINHO, Maiara Oliveira; VIEIRA, Fernando de Oliveira. A jornada exaustiva e a escravidão contemporânea. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 351-361, jun. 2019.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2006.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Desamparo**. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. (Coleção clínica psicanalítica/Dirigida por Flávio Carvalho Ferraz). 1ª reimpressão da 1ª ed. 2008.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. (Tese de doutorado). 2010

NEVES, Anamaria Silva. **Família no singular, histórias no plural: a violência física de pais e mães contra filhos.** Uberlândia, EDUFU, 2008.

ROSA, Miriam Debieux . **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento** (2a ed). Escuta/Fapesp. 2018

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes e. **Sobre a Análise do Discurso.** Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/998>. Acesso em: 01 de fevereiro 2021.

VIEIRA, Sarah Rosa Salles. Sofrimento psíquico e trabalho. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental.** São Paulo, v. 17, n. 1, p. 114-124, Mar. 2014.